

# Pedro Passagem | Pedro Tierra

08/08/2020

---



Foto: Marcos Lotufo

Talvez ele quisesse com sua passagem neste 8 de agosto de 2020, quando nossa gente assombrada com a irresponsabilidade e o crime reverencia com mil mortos pela pandemia, resgatar-nos da indiferença que nos aprisiona. Assim fazem os profetas. Não permitem que palavra e gesto se distanciem. Testemunho na vida, testemunho na morte.

Num dos seus livros de poemas (2006) – uma antologia publicada pela Editora Fundação Perseu Abramo sob o título **“Versos Adversos”**, escrevi na apresentação:

## O Verso e a Vida

*“Alceu Amoroso Lima certa vez dividiu os poetas em duas categorias: a dos poetas solitários e a dos poetas solidários. É possível dizer que Pedro Casaldáliga se enquadra nas duas categorias. Sua “arquitetura de passarinho”, para lembrar a expressão com que Fernando Brant o batizou quando escrevíamos a Missa dos Quilombos, sempre envolvida nos conflitos de uma sociedade radicalmente desigual, não dispensa a solitária, íntima, mística contemplação do mundo. Não a contemplação estéril, que percebe os conflitos humanos de forma asséptica, mas a contemplação mística, corporal, de quem se identifica com os oprimidos e faz dela, sem metáfora, sua própria dor. Em suma, esse homem – qualquer que seja a categoria utilizada para definir seu ofício – nasceu irremediavelmente poeta.*

*É que o catalão Pedro Casaldáliga, esculpiu com férrea disciplina e minúcia – ao atravessar as lutas que trava – essa figura rara no mundo contemporâneo: o poeta, o militante, o profeta fundidos de modo indissolúvel no mesmo homem. A qualidade dos poemas deste pequeno volume (“Versos Adversos”) – comentada pelo professor Alfredo Bosi – traz consigo um outro valor: o valor do testemunho. Alguém já disse que “a poesia é a face impossível da verdade”. A vida de Pedro e os versos que escreve, de algum modo, conferem materialidade a essa intuição sobre o ofício de escrever. Se é verdade que a poesia – ainda que profana tende para a prece, a sua traduz um impulso vital de indignação contra a injustiça, que o aproxima de outro grande poeta que jamais publicou um livro de poemas: o Che; mas, ao mesmo tempo o torna capaz de exercitar com sensibilidade aquela contemplação solidária com o mundo em transe que lhe foi dado viver...*

*Esse homem luminoso, protegido por uma pequena casa de adobe às margens do Araguaia, prossegue nos enviando alento, estímulo, beleza como quem oferece tijolos para a construção de nossas utopias. E nos ensina a permanente lição de sua própria vida: se é verdade que não se transforma sem lutar uma sociedade, é verdade também que não se transforma qualquer sociedade sem poesia...*”

Numa manhã de sábado de 1974, recebemos a visita de solidária de Pedro Casaldáliga. Éramos 42 prisioneiros políticos cumprindo pena no Carandiru, em S. Paulo. Nada em sua presença ou indumentária o distinguia como um príncipe da Igreja. Um bispo. Sua presença ali me comovia. Ele sabia que a maior parte das pessoas que visitava sequer partilhava com ele suas convicções e sua fé. Mas, ele era apenas um homem que estabelecia ali um laço entre homens perseguidos. Oferecemos a Pedro uma par de sandálias que confeccionamos na oficina do Pavilhão 5. Registre esse encontro com

### **Um par de sandálias para o peregrino**

Para Pedro Casaldáliga

Um par de sandálias para o peregrino.

Seja quem for o peregrino que nos vem.

Um par de sandálias para proteger-lhe

os pés da áspera pedra dos caminhos.

Rústicas. Recortadas em couro e utopias.

Trabalhadas pelas mãos de perseguidos

que lavram, na sombra, a frágil matéria dos dias.

(Na larga história do tempo

a noite, sem saber, foi condenada

ao círculo perfeito da agonia:

mãe e coveira da manhã anunciada.)

Recolhemos sonhos, dores, esperanças,

polimos penas, tormentos, fúrias

e o impulso elementar de liberdade

que orientam os passos desse estranho peregrino.

Buscam o martírio? O martírio não se busca,

se vive. Como se vive

“la muerte que da sentido a mi vida...”

Percorrerão o pó dos caminhos,

a vasta geografia do drama urdido

pelos filhos de êxodo e da miragem.

Por nossas mãos que trabalharam  
o couro, a borracha, as fivelas,  
a fugitiva parcela de sonhos que cultivamos.  
As sandálias do peregrino vão palmilhar  
os desertos da alma, a impossível alegria do povo  
para oferecer o bálsamo da palavra  
e, quem sabe, os leites minados da lua  
para nutrir como seiva  
a esperança que nos mantém pulsando.

E para repetir com ele:

“me atengo a lo dicho: la esperanza”.

(Poema recuperado de uma carta manuscrita a meu irmão fr. Airton Pereira OP. Provavelmente enviada do Carandiru, 1974). Pedro Tierra.

Compartilhe nas redes: